

**○ UNIVERSO IMAGINÁRIO
E POÉTICO DE
JOÃO MANUEL SIMÕES**

COSTA, Sueli Aparecida da¹
CRUZ, Antonio Donizeti da²

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel – Brasil e Professor de Teoria da Literatura, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar o universo poético e imaginário do poeta brasileiro João Manuel Simões. A pesquisa apresenta imagens em que se constata a relação entre poesia e imaginário, tais como o sonho, a inspiração, a imaginação, a memória e a infância, de tal forma que as construções do imaginário tornam-se mais evidentes no plano das construções poéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário, Poesia, João Manuel Simões.

ABSTRACT: This article has as objective to investigate the poetical and imaginary universe of the Brazilian poet João Manuel Simões. The research present images where if it evidences the relation between imaginary and poetry, such as the dream, the inspiration, the imagination, the memory and infancy, of such form that the constructions of the imaginary one become presents in the plan of the poetical constructions.

KEYWORDS: Imaginary, Poetry, João Manuel Simões.

João Manuel Simões, embora tenha nascido “além-mar” (Mortágua – Portugal), em março de 1939, radicou-se definitivamente no Brasil (Curitiba) em 1953. Sua mãe, nascida em Belém do Pará (Brasil), era filha de pais portugueses, que vieram para o Brasil em 1916. Depois da prematura morte do avô, em virtude da gripe espanhola de 1918, a mãe e a avó regressaram a Portugal. Simões possui dupla nacionalidade, mas é como escritor brasileiro que o poeta tem se distinguido no meio literário e adquirido prestígio entre a crítica brasileira.

Em 1964, Simões nasceria “literariamente” na capital paranaense, estreando duplamente com *Eu sem mim* (poesia) e *À margem da leitura e da reflexão* (ensaio). Desde então, vem produzindo com regularidade uma obra que, em pouco mais de quatro décadas, soma um total de vinte e nove livros de poesia, três de contos e vinte e quatro de crítica, ensaio, crônica e conferências, em uma qualidade crescente de título para título.

A produção literária de João Manuel Simões é apreciada de forma positiva pela crítica brasileira que, segundo o comentarista de Ribeiro Ramos (1992), é fecunda e notável em todos os sentidos. O poeta é considerado um “vulto da mais alta projeção em nossa Literatura”, afirma Ramos. Simões é magistral na retórica e detentor de um lirismo contagiante, pois “Seu ofício é fazer versos, e os faz inspirados, lindos, sonoros, por puro amor à arte poética” (RAMOS, 1992, p. 45).

De um modo geral, os comentários sobre a produção poética de João Manuel Simões tem se destacado pela elevação que fazem da linguagem, pelo encantamento e magia que os versos despertam, pela aura divinal da poesia e pela força criativa do poeta. De uma maneira particular, a poesia de Simões revela uma concepção em que a poesia aparece relacionada ao plano do sagrado, do espiritual, do celeste e da iluminação, fazendo com que poesia e imaginação sejam forças complementares.

O fazer poético, na poesia de Simões, ocorre no sentido de produzir uma poesia viva, que prima pela associação entre a “alquimia verbal” e o “exercício mágico”, na qual imaginação, sensibilidade, trabalho e inspiração estivessem aliados em prol da reflexão sobre a “ars poetica”. A construção do imaginário, por sua vez, ocorre através de um trabalho elaborado com a linguagem, em busca de imagens poéticas que configuram o campo do imaginário e revelam a essência do ser e a pureza da poesia.

Percebe-se, na obra poética de Simões, um entrecruzamento entre o universo poético e imaginário, sobretudo quando o poeta deixa transparecer uma singular ligação entre a poesia e o sonho, uma vez que a poesia parece ser a conciliação entre o sonho, a imaginação, a alquimia verbal e a fantasia. Assim, das construções do imaginário às construções poéticas, a poesia de Simões tem trilhado uma multiplicidade de temas e imagens, apresentando vários eixos norteadores, tais como as indagações metafísicas, a condição do poeta, a busca da palavra e do silêncio, a passagem temporal, a memória e a infância, o fazer poético, a exaltação da poesia, entre outros.

POESIA, SONHO E IMAGINAÇÃO

Um dos aspectos marcantes que se pode constatar nas construções do imaginário do poeta João Manuel Simões diz respeito à associação entre a poesia e o mundo dos sonhos e da imaginação. Este parentesco que se firma entre a poesia, a magia, a imaginação, o sonho ou a fantasia aparece de forma sutil nos poemas em que o poeta indaga sobre o fazer poético. A poesia é descrita, simultaneamente, como “alquimia verbal” e “exercício mágico”, deixando transparecer que no

ato da construção poética o poeta alia e mescla aspectos artesanais de escrita e elaboração a outros elementos que pertencem ao plano e domínio do imaginário.

Na acepção de Ana Maria Lisboa de Mello, a força e a magia do mito e dos símbolos explicam a sobrevivência de seus elementos na produção literária de todos os tempos, já que o mito constitui a matéria-prima das criações artísticas em todas as suas manifestações, além de ser a linguagem que melhor responde “à necessidade humana de sair temporariamente do mundo prosaico e profano para se abeberar nessa fonte inesgotável de sentidos” (MELLO, 2002, p. 243).

O caráter plurissignificativo do mito o aproxima da literatura e, mais ainda, da poesia lírica, pois é na poesia que “se sente o constante renascimento da mitologia”. A poesia tem em sua origem uma forte associação com o mito, uma vez que os relatos míticos propiciam o surgimento de cantos, hinos e celebrações divinas, que enfatizam a mensagem mítica. Assim, a poesia apresenta profunda afinidade com o mito, já que os poetas fazem renascer ou regenerar símbolos arquetípicos, próprios da produção mítica, por meio da imaginação (MELLO, 2002, p. 43).

Ainda segundo Mello, a poesia conserva a integridade das fórmulas mágicas dos cantos míticos: “a linguagem é, sobremaneira, ambígua, polissêmica, equívoca, e, por tudo isso, rica e inesgotável” (2002, p. 244). A poesia, a exemplo do mito, é revelação e ruptura com o prosaico e realiza um hiato no tempo e no espaço profanos para dar lugar ao sagrado e epifânico. O poema enseja o encontro do homem consigo mesmo, mostrando a interioridade do sujeito poético, exprimindo e revelando a condição do homem no mundo. Tal qual o mito, a poesia assume uma dimensão de desvelamento, em que “a palavra poética provém do interior do homem e nele tem ressonância, funcionando como recurso de auto-revelação” (MELLO, 2002, p. 53).

Nas palavras de Octavio Paz, a imaginação é um órgão de conhecimento e representa um saber mais alto. O mundo da operação do pensamento poético é o campo da imaginação e esta consiste, essencialmente, na faculdade de relacionar reali-

dades contrárias ou dessemelhantes. No dizer de Paz, todos os recursos da poesia contribuem para produzir imagens nas quais se juntam todos os tipos de relações, porque cada poema representa um “pequeno cosmo animado” (PAZ, 1993, p. 147).

Pode-se dizer, portanto, que a poesia é o fio condutor da imaginação e do conjunto das imagens que compõem o imaginário humano, pois ela suscita uma tomada de consciência dos fenômenos que ocorrem na alma do sonhador de palavras. A poesia é força capaz de dar sentido à vida e clarificar a história ou a própria existência. Por sua capacidade imaginante, o ser humano transforma a poesia em campo sensível para a revelação da condição original, abre as fontes do ser e se lança em uma viagem onírica, pelas veredas da memória, dos sonhos e da imaginação.

Desde a formulação clássica de Aristóteles, segundo a qual todas as artes, de um modo geral, seriam imitações e a poesia estaria ligada à propensão congênita e natural do homem em imitar, pode-se dizer que a poesia tem oferecido com frequência, com maior ou menor felicidade, constantes tentativas de definição e, permanentemente, surgem novas alternativas. Apesar do vasto repertório conceitual, a poesia não tem se desvencilhado de uma de suas principais matérias: a linguagem. Esta, ao longo dos séculos, tem sido vista ora com rigor formal e racional (regida por Apolo) ora como elemento inspirador e idealizado (regida por Dionísio). As divergências conceituais sobre a poesia não parecem constituir um empecilho ou uma exclusão de pontos de vista. Ao contrário, embora divergentes entre si, estas várias concepções parecem compor uma soma, pois a poesia consiste em uma reunião de fatores e elementos, uma vez que não se pode negar que às construções poéticas se juntam aspectos de igual importância, como àqueles pertinentes ao universo simbólico, onírico e imaginário. É a partir destas combinações aparentemente “inconciliáveis” que a poesia pode despertar emoções ou sentimentos, suscitar lembranças e recordações e ativar a imaginação. Por meio destas combinações, a poesia torna-se um campo fecundo para a produção de sonhos e imaginação.

Na qualidade de poeta e crítico, João Manuel Simões tem formulado suas próprias visões conceituais, mostrando

que o exercício da poesia é uma atividade que concilia elementos que pertencem ao plano simbólico da imaginação e da arquitetura verbal. A poesia seria como uma fábrica que produziria, por meio das palavras e das imagens poéticas, estados de alma, sonhos e devaneios poéticos:

[...] fascinante jogo lúdico que o poeta joga consigo mesmo – e com o mundo; jogo de xadrez em que as pedras foram colhidas nos garimpos do léxico; prestidigitação, sortilégio, ofício mágico de saltimbancos existenciais; retorta, usina, moenda onde se mói o trigo sarraceno do espanto; lenta peregrinação pelos labirintos onde se perdem – e reencontram – os significados das coisas; ato litúrgico, rito em que a palavra é hóstia, transubstanciando o mundo (e o homem) em quintessência verbalizada; tecnologia verbal do indizível [...] cristalografia em flor do silêncio volátil; estuário dos rios e dos arroios do canto primordial; caligrafia do inefável, solitude habitada; confissão, ficção, conficção; céu, purgatório, Pasárgada – inferno nunca, isso não: “de profundis”, “miserere”, “Kyrie”. “Gloria in excelsis” (SIMÕES, 1991, p. 36).

Os poemas de João Manuel Simões traduzem (e consubstanciam), em sua textualidade, uma visão axiológica positiva da poesia. Definições como estas, citadas acima, aparecem com frequência nos versos de seus poemas, demonstrando uma profunda identificação com a poesia, que pode ser definida, simultaneamente, enquanto ato litúrgico com a matéria verbal e ofício mágico com a imaginação. Na poesia, a palavra e o sonho são complementares e, juntos, formam a essência do lírico, pois o caráter elevado, mágico e celeste (ou sagrado) da poesia torna-se visível e possível no plano da alquimia verbal e das imagens poéticas.

“Limiar” é um poema que deixa transparecer a relação do sonho com a poesia, em uma trama simbólica capaz de ativar a imaginação:

Usina de esperanças e tear
de sonhos, a poesia.
Se não for simples forma de fazer
da noite de luar
o dia
a amanhecer.
(SIMÕES, 2006, p. 48)

Vale ressaltar, de antemão, que a forma sintética do poema e o recurso de imagens poéticas como usina, tear, noite de luar e dia a amanhecer, além de proporcionar, em poucas palavras, o máximo de sentido, exigem uma exegese mais apurada, uma vez que aumentam o campo simbólico e significativo do poema. Ao comparar a poesia à usina de esperanças e tear de sonhos, o sujeito poético estaria atentando para a característica metafísica e transcendental da poesia, porque ela não pertenceria simplesmente a uma forma de manifestação da linguagem artística, mas estaria relacionada ao plano fantástico e imaginário, sobretudo, porque se constituiria de uma matéria onírica capaz de alentar e enlevar os desejos da humanidade (ou daqueles tocados pela magia dos versos poéticos). Por sua capacidade de despertar sonhos, a poesia passa a ser dotada de qualidade sublime e de poder quase sobrenatural, capaz de modular (ou moldar) os sentimentos mais íntimos e secretos.

Mas, o sujeito lírico também chama a atenção ao fato de que a poesia pode ser uma “simples forma de fazer/ da noite de luar/ o dia/ a amanhecer”. Nesta proposição, é possível destacar que a poesia representaria, mais do que fonte de esperança e sonho, uma forma singela de encantar a vida e o mundo, pois, com sua luz, iluminaria as trevas, tornando-se fonte de vida, limiar da alvorada e romper da aurora. A urdidura poética seria composta por fios de luz e raios solares, capazes de incendiar e aquecer a esperança e os sonhos.

O poeta é, segundo Bachelard, um “sonhador de palavras” e, na trama poética, deixa subjacente um mundo de encanto e magia, em que o poema significaria um claro invento e a poesia um fio condutor das imagens e da imaginação. A poesia inunda de sonhos a alma do poeta e do leitor e ainda possibilita o encontro do homem consigo mesmo, por meio deste sonho acordado e da imaginação.

Simões atribui à poesia a virtude de uma inaudível ânsia de infinito e eternidade, bem como a competência de elevação do pensamento, ao cantar, exaltar e compartilhar, com o leitor, que a poesia é como a vida ou como o céu, feita de sonho e imaginação e, por isso mesmo, repleta de magia e encanto: deusa sagrada.

NO UNIVERSO DAS IMAGENS POÉTICAS

Cassirer (1972) sublinhou apropriadamente que, antes de ser um *animal rationale*, o homem é um *animal symbolicum*, pois a razão é um termo “pouco adequado” para abranger todas as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. São vários os fios que compõem a rede simbólica da experiência humana, uma vez que o homem tem se envolvido de tal maneira em imagens artísticas, em símbolos míticos ou em ritos religiosos que já “não pode ver nem conhecer coisa alguma senão pela interposição desse meio artificial [...] Vive antes no meio de emoções imaginárias, entre esperanças e temores, ilusões e desilusões, em seus sonhos e fantasias” (CASSIRER, 1972, p. 50). Sendo assim, o autor afirma que, lado a lado com a linguagem conceitual há a linguagem emocional, como também, lado a lado com a linguagem lógica ou científica há a linguagem da imaginação poética, pois, em primeiro lugar, a linguagem não expressa pensamentos nem idéias, mas sentimentos e afeições (CASSIRER, 1972, p. 51).

Alfredo Bosi, por sua vez, destaca que a imagem, além de ser palavra articulada, é anterior à palavra, constituindo-se um elemento da sensação visual, uma vez que é pelo olho que o ser humano tem as formas dos elementos da natureza, do perfil, da dimensão, da cor. A imagem “é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós” (2000, p. 19). As imagens podem, ainda, ser retidas na memória e na percepção e depois suscitadas pela reminiscência, pelo sonho ou imaginação. A imagem amada ou temida, afirma Bosi, tende a perpetuar-se sem sofrer deformações no tempo. Mesmo as imagens mais fugidias e vaporosas podem ser objeto de retenção e de evocação; elas terão sempre o mínimo que seja de coesão para que possam subsistir na mente e no imaginário.

A imagem só pode ser estudada pela própria imagem e, neste sentido, a força capaz de “modelar imagens” passa tanto pela fantasia quanto pela imaginação. Tanto uma quanto a outra lidam com experiências que se encontram retidas na memória e que aparecem como uma faculdade poética basilar. Conforme argumenta

Bosi, as imagens, vindas da experiência e guardadas pela memória, podem dilatar-se, organizando e produzindo conjuntos, com a “articulação dos significantes” (BOSI, 2000, p. 242).

Na perspectiva de Octavio Paz, o vocábulo “imagem” possui um valor psicológico, uma vez que “as imagens são produtos imaginários”. Por imagem entende-se “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema” (PAZ, 1996, p. 37). Cada imagem (ou cada poema composto de imagens) contém muitos significados díspares ou conciliatórios, pois, a “imagem é cifra da condição humana” (PAZ, 1996, p. 38). A imagem desafia o princípio da contradição ao enunciar a identidade dos contrários. Isso porque a realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade, uma vez que o poema “não diz o que é e sim o que poderia ser” (PAZ, 1996, p. 38).

A imagem, escreve Paz, é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece: ela “recolhe e exalta todos os valores das palavras, sem excluir os significados primários e secundários” (1996, p. 45). Paz salienta, ainda, que a imagem não é nem um contra-senso nem um sem-sentido; sua unidade tem sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, as imagens possuem autenticidade, pois elas são a expressão genuína do poeta, sua visão e experiência do mundo. Em segundo lugar, essas imagens constituem uma realidade objetiva – são obras e possuem realidade e consistência.

Na poética de João Manuel Simões, observa-se uma constelação de imagens que ganham sentido e coerência na medida em que o poeta se vale delas para expressar uma experiência singular da criação poética. A recorrência às imagens do pássaro como símbolo da liberdade de criação poética; da passagem temporal simbolizada ora pelo envelhecimento ora pelo relógio ou por outras marcas do tempo; do espelho enquanto instrumento que reflete o próprio ser, a condição existencial e o outro que coabita o ente, revelando seu outro eu (seu duplo), são alguns exemplos de como Simões constrói uma poética de imagens na qual fica evidente uma forte relação com o universo imaginário dos símbolos e mitos.

A constante utilização de imagens poéticas na composição dos poemas sugere que a imaginação é o elemento basilar da criação poética de João Manuel Simões. Ao elaborar uma *poiesis* alicerçada em uma rede de imagens, ele realiza um fazer poético que remete à condição humana, dando ênfase às construções poéticas a partir de elementos que apontam para uma poesia edificada de fantasia, sonho e imaginação.

A imaginação do vôo evoca o céu. O pássaro sugere a impressão de leveza, felicidade e juventude, pois ele une a pureza do ar ao movimento alado porque o vôo é onírico e se anima em uma alma sonhadora: “vôo onírico é um fenômeno da *felicidade dormente*, desprovido de tragédia. Só voamos em sonho quando somos felizes” (BACHELARD, 2001, p. 70, grifos do autor). Nas palavras de Bachelard, o pássaro é uma força ascensional que desperta a natureza inteira; há uma identificação onírica entre a imagem do pássaro e a força íntima do vôo pela pureza criadora do ar.

Com relação ao “vôo aéreo” e “liberdade dos pássaros”, Simões tece uma série de poemas, cujo pássaro constitui a imagem fundamental. Na poesia simoniana, o pássaro é um elemento de acesso ao poético e ao divino. E, muitas vezes, o pássaro aparece comparado concomitantemente à poesia e ao poeta, tanto pela capacidade do vôo quanto pela capacidade do canto. Assim como o pássaro voa no céu e atinge as alturas, a poesia é dotada de asas, fazendo com que ela voe pelo céu da página em direção ao sagrado e ascensional. Da mesma forma que o pássaro se destaca pela virtude do canto, o poeta se destaca pela proeza de realizar, não apenas versos, mas fazer dos versos, um imenso canto poético, que encanta a vida, cantando o mundo, a poesia e a existência.

No poema “37”, de *Flauta Mágica*, a voz lírica tenta encontrar uma explicação para o constante emprego da imagem do pássaro enquanto símbolo para a poesia:

Não procuro nos pássaros
em trânsito
a forma informe, as penas, os remígios,
o bico quase adunco,
passageiro.

Nem sequer busco aquele canto grave
que encanta o mundo
enquanto o mundo rola.

Quero achar neles simplesmente a calma,
a pura essência alada,
o claro vôo.

Ele me basta pelo simples fato
de ser como a poesia, esse pulsar
do coração do poema.
(SIMÕES, 1993, p. 38)

São versos de beleza e simplicidade, feitos, justamente, neste tom de calma que o sujeito lírico tenta achar no “claro vôo” dos pássaros. A declaração do eu lírico é comovente, pois o pássaro é o elemento exemplar que o poeta tem em mente para tecer seu poema com as mesmas qualidades do pássaro, sobretudo, com relação à “pura essência alada”. Esta é uma das causas que leva o eu lírico a buscar o pássaro enquanto símbolo para representar a poesia, pois seu vôo é como o vôo da poesia – este pássaro alado que encanta o poeta e o mundo, que sobrevive no tempo como pulsação vital e encanto da alma.

De acordo com a “explicação” do eu lírico, a imagem do pássaro é fonte inesgotável de relação com a poesia. Seria possível recorrer a imagem do pássaro em seus outros atributos, como a forma, as penas, o canto, no entanto, conforme afirma o sujeito lírico do poema, somente basta a imagem do claro vôo, pois ela é suficiente para expressar a grandeza da poesia: sua essência alada.

No que diz respeito ao fluxo temporal, a imagem do tempo aparece cristalizada na imagem do relógio, que funciona como mola implacável que conduz o homem nesses atalhos em direção a um fim certo. A interrogação é a motivação que proporciona sua curiosidade lírica, o que afasta sua visão conceitual sobre o tempo dos elementos cotidianos para os filosóficos. Mais do que poetizar sobre o tempo, Simões parece filosofar sobre o sentido do tempo no fluxo da vida.

De acordo com Dubois, a invenção do relógio pode ser entendida como uma tentativa de aprisionar o tempo no círculo

encantado de um mostrador: “o tempo mecanizado escapa à alternância cíclica do dia e da noite; a posição da sombra e a intensidade da luz tornam-se secundárias” (1995, p. 121). Esta mecanização do tempo pelo relógio fez com que se perdesse o sentido cósmico do tempo. O homem passa a ser a vítima de sua própria criação, pois as “batidas” do relógio demarcam, por meio dos segundos, minutos e horas, a fatal e irreversível passagem temporal. No “invólucro de ferro”, o relógio é portador do tempo: uma máquina que funciona como instrumento do tempo e reafirma, no compasso das horas, que ele é o senhor que governa infinitamente a fluxo temporal.

No poema “Os instrumentos do tempo”, o desejo que o eu lírico expressa é libertação dos instrumentos que tendem a aprisionar o tempo e o homem:

Calendários,
relógios,
ampulhetas:
mágico instrumental
que pesa e que divide
o breve tempo que nos foi marcado
sob o infinito périplo do sol.

Ampulhetas,
relógios,
calendários:
quebremos, uma a uma,
essas obscenas máquinas do tempo
em cujas engrenagens
(ó mágicos teares!)
se tece a nossa vida:
sem remédio.
(SIMÕES, 1983, p.50)

O aprisionamento do sujeito pelo “mágico instrumental” do tempo, que pesa sobre o homem, marcando a breve trajetória que lhe foi concedida, revela, na voz do eu lírico, um desejo de libertação. É como se o sujeito poético percebesse que é chegado o momento de banir e quebrar todos os instrumentos do tempo – ampulhetas, relógios, calendários

– e voltar ao “infinito périplo do sol”, regressando aos “mágicos teares” com os quais se tece a vida.

Pode-se dizer que o poema deixa transparecer uma nostalgia do tempo primordial, como se a invenção dos “instrumentos do tempo” impusessem um cárcere sobre a vida, tecendo-a “sem remédio” na prisão dos calendários e dos relógios. O tempo cronometrado por estes instrumentos diminui o campo de ação do homem, impedindo que a vida seja vivida em sua plenitude. As engrenagens desse “mágico instrumental” ceifa a vida, nas páginas do calendário, na areia da ampulheta e nos ponteiros do relógio.

No entanto, a lírica de Simões não se prende apenas nas imagens da inexorabilidade do tempo, uma vez que suas reflexões sobre o tempo também se aproximam da questão vital. O poema “Vida” dialoga com a categoria do tempo no fluxo da vida, em sua constante dialética de brevidade e eternidade:

É mais que provisória, a vida: é breve
e brevemente, como um sopro, passa.
Mas sendo breve, embora, a vida, taça
mais doce de beber ninguém concebe.
(SIMÕES, 1987, p.45)

No poema, o sujeito poético faz uma exaltação da vida em detrimento do horror e terror contra o tempo. O eu lírico assume o poder implacável do tempo mas não teme a passagem, uma vez que, ainda que breve, a vida é a mais doce taça para se beber. Por isso, deve ser aproveitada em sua brevidade sem medo de que o tempo cortará impiedosamente a linha que separa a vida e a morte.

Com relação à qualidade de transitoriedade da vida, que marca o tempo em direção à morte, Meyerhoff destaca que o ponto de referência não é a eternidade e sim a progressão do tempo na vida humana do nascimento à morte. Meyerhoff assinala, ainda, que a temporalidade é como a pedra angular de uma elaborada análise metafísica do homem, como se a natureza do homem fosse acossada pelo tempo e do qual não há escapatória (MEYERHOFF, 1976, p. 59).

A temática do tempo é uma constante na lírica de João Manuel Simões e reflete a preocupação do poeta em cantar os aspectos que levam a uma maior problematização dos elementos que norteiam a condição humana. Além disso, o tempo é uma das mais relevantes categorias presentes no fazer poético, pois se caracteriza como uma substância da poesia ou, como afirma Alfredo Bosi, na poesia cumpre-se o presente sem margens do tempo – a poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos dos Tempos, que ela invoca, evoca, provoca (BOSI, 2000, p. 141).

Simões mostra as várias faces do tempo ao apresentá-lo tanto por seu aspecto de perversidade quanto por ser uma categoria inerente ao curso da vida. Assim, as reflexões sobre o tempo evidenciam uma valorização simultânea do presente, do passado e do futuro, já que o tempo benévolo causa certa nostalgia do passado e o presente vivenciado é a condição para um futuro de esperança e realizações. No ciclo temporal, a vida é o bem mais acessível e, por isso, deve ser apreciado.

O UNIVERSO DA INFÂNCIA, DA MEMÓRIA E DA IMAGINAÇÃO

O tema da infância, na obra poética de João Manuel Simões, percorre os labirintos da memória e da imaginação, em busca de encontrar o enigma que acalenta a alma e ajuda o adulto a viver melhor e conviver com o passado de ventura e alegria. Da terra natal às mais diversas recordações do passado pueril, Simões elabora o itinerário da infância de A-Z, uma vez que tece uma espécie de inventário da infância, percorrendo os meandros da memória, as diretrizes do imaginário infantil, em uma poética madura, construída com versos singelos e condizentes com a docilidade e lirismo do tema da infância.

Wilson Martins, em “Poetas do Paraná”, afirma que o “verde paraíso da infância é também o tema obsessivo de João Manuel Simões”, pois o poeta reconstrói pela imaginação o “país chamado infância, de onde emigrou um dia para perdê-lo sem remédio – não no espaço, embora já não seja o mesmo, mas no tempo, irrecuperável e cruel” (MARTINS, 1994,

P. 4). O poeta retoma, sem cessar, a infância perdida, procurando “desenterrá-la do terreno minado da memória. Recuperando a própria infância, ele recupera também a nossa”.

Para Puglielli, Simões “apreende, privilegiadamente, o real e o irreal da infância, verso e reverso, fundo e figura, recortando dos seus textos o absoluto perfil do fenômeno”. Os versos de Simões “vão além da infância dele, poeta, para englobar a infância que é de todos” (PUGLIELLI, 1989, p. 8).

Na lírica de Simões, a evocação da infância, além de percorrer os caminhos da memória em uma viagem ao passado, também ocorre no sentido de construir uma espécie de inventário, cujo patrimônio herdado é composto por verdade e invenção, ou seja, fatos vividos e imaginados. Este levantamento sistemático dos bens deixados pela infância perdida proporciona, ao sujeito lírico, o resgate da infância como uma herança que serve para reatar, na vida adulta, o impulso de vida e alegria que jorrava do tempo de infante.

No poema “A necessária inversão”, o eu lírico afirma que melhor seria se fosse possível inverter a ordem da infância e da velhice na vida das pessoas, deixando para depois, a melhor parte:

A ordem natural da vida humana:
infância, maturidade, velhice.
Eis aí uma ordem simplesmente
anacrônica.
Melhor seria inverter a equação,
deixando para o fim
(exatamente como a sobremesa)
esse doce de coco que é a infância.

Só assim seria possível sentir,
nas papilas gustativas da alma experiente,
seu mágico sabor...
(SIMÕES, 1989, p. 53)

A necessidade de uma inversão da ordem natural da vida humana, nos versos do poema, aponta para o fato de que, na infância, não há ainda uma certa maturidade para saber a importância deste período por toda a vida. Por isso, deveria haver uma troca, pois só então, com a alma experiente, seria

possível aproveitar e saborear o mágico sabor da infância com mais intensidade. É como se o sujeito só soubesse do valor da infância quando a perdesse, procurando revivê-la na velhice.

A ordem natural – infância, maturidade, velhice – constitui uma ordem anacrônica e, conseqüentemente, encontra-se em desacordo quanto a ordem “lógica” da experiência de vida, pois a inversão proporcionaria maior valorização desta “estação” que representa o estágio fundamental da vida humana. Deixar para o fim (como uma sobremesa), a melhor parte significa viver na velhice, o que a vida tem de melhor: é degustar a magia, a felicidade, o encanto, o sabor da infância, com a diferença que, na maturidade de uma alma experiente, esta degustação seria consciente e, com isso, mais completa e com conseqüências ainda mais benéficas para o ser humano. A inversão da infância para o fim da vida talvez ajudaria a evitar o problema de não se apreciar a infância no tempo certo.

Em “O cais fundamental”, o eu lírico admite ser impossível trazer de volta o menino do passado, porém, não nega que seja possível levar a grandeza da infância no coração, como um porto ou cais fundamental:

Ó porto
inaugural!

Esteja morto
ou não, o menino
não volta nunca mais.

É esse o seu destino,
sem remissão:
levar dentro de si, para o futuro,
o cais
fundamental.

(No coração,
cristal
tão puro!)
(SIMÕES, 1989, p. 66)

Para Bachelard, em todo sonhador vive uma criança que o devaneio magnifica e estabiliza: “Ele [o sonhador] a arranca

à história, coloca-a fora do tempo, torna-a estranha ao tempo. Um devaneio mais e eis que essa criança permanente, magnificada, se faz deus” (2001b, p. 129). No poema, a imagem da infância surge como um porto inaugural e um cais fundamental, quase uma “deusa”, um “cristal puro” que constitui o fundamento da existência e o direcionamento do futuro.

Mesmo tendo ciência de que o menino não volta nunca mais (estando morto ou não), o sujeito da enunciação sabe que o halo ou o destino da infância é ir com ele para o futuro, como um cais fundamental, como um princípio ou um ensinamento, ou seja, como um lugar que dá acesso aos sonhos, às alegrias, às experiências de vida, enfim, a infância aparece como um grande porto que assegura ao ser às conquistas e a volta às origens.

O sujeito da enunciação, além de levar a infância dentro de si como um princípio constituinte da existência, ainda a leva no coração como um cristal puro. Segundo Chevalier & Gheerbrant, o cristal é um tipo de “embrião”, uma vez que nasce da terra, da rocha. Na mineralogia, o cristal se distingue do diamante pelo seu grau de maturidade embriológica: “o cristal não passa de um diamante insuficientemente *amadurecido*” (2002, p. 303, grifo do autor). A transparência do cristal permite que se veja através dele, fazendo com ele seja um dos mais belos exemplos da união dos contrários, ou seja, do plano intermediário entre o visível e o invisível. Entre os índios peles-vermelhas das “Pradarias”, o cristal é usado como talismã e produtor de visão: “facilitam o *transe*, o qual permite a percepção do invisível” (GHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 303, grifo do autor).

A infância acompanha o sujeito lírico como um embrião em seu coração, como um cristal que permite ao ser lírico visualizá-la enquanto matéria translúcida na qual é possível ver, para além da realidade, um mundo de sonho e magia. Trazer para o futuro a infância dentro de si é uma forma de se ter presente o elemento embrionário do encanto, é ter em si um porto ao qual se pode ancorar sempre que a vida pesa. Carregar junto de si a infância, mantendo-a sempre viva e tornando-a um cais, pode representar a grande diferen-

ça entre o ser que guarda a beleza da infância como um tesouro e fonte de deleite e o ser que não a transporta para o futuro, deixando-a esquecida nas margens do passado.

Na lírica de Simões, a infância aparece como um porto ou cais, cujo embarque e desembarque, depende da capacidade de imaginação do sujeito que relembra as memórias do tempo de criança. Independentemente da forma como são evocadas as imagens de infante, elas são sempre repletas de nostalgia pela perda deste tempo feliz, mas também trazem uma espécie de “mandamento” ou “princípio” de vida, pois a infância representa um momento fundamental que definirá o adulto do futuro. Mesmo que soterrada na pátina do tempo, a infância continua viva, brilhando como um farol, queimando como um fogo ardente, cuja conseqüência é viver no presente “com os olhos da alma no passado”, isto é, em constante viagem pelos labirintos da memória e da imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos poemas de João Manuel Simões, as imagens repercutem umas nas outras, formando cadeias, cujos elos produzem o tecido semântico. É no espaço textual que as imagens adquirem sentido, de tal forma que é preciso percorrer, no texto, os itinerários do poeta. Nas imagens referentes ao pássaro, por exemplo, há o desdobramento, por um lado, da dimensão simbólica do universo imaginário e mítico do pássaro como ser sobrenatural e místico, que remete à transcendência e elevação e, por outro lado, assume o sentido metafórico de aproximação com a poesia, por seu caráter sublime e mágico. Percebe-se uma relação entre a poesia e o pássaro, bem como entre este e o poeta, uma que o poeta canta um canto que expressa a vida e, indiferente aos rumos da civilização, continua cantando a beleza cósmica e vital. A poesia, por sua vez, torna-se capaz de alçar o vôo cósmico e mágico pelo infinito celeste da página, pelos labirintos da existência e pelas galerias abissais da consciência humana. Estes aspectos de ascensão e transcendência fazem com que a poesia esteja associada ao devaneio aéreo: um instrumento celeste e alado que voa em busca de um ninho para pousar.

A lírica de Simões encontra-se repleta de imagens que aproximam a poesia a um mundo de fantasia, sonho e imaginação, por meio de vocábulos que a elevam à condição de deusa sagrada ou divindade. Não só quando se refere à relação pássaro-poesia, mas também quando a aproxima do universo dos sonhos, Simões tece um canto poético que faz ecoar por toda sua obra, um ponto de vista altamente positivo sobre a qualidade litúrgica e sagrada da poesia. O tom quase sempre extático, a linguagem condensada e plena de imagens fazem com que a poesia seja percebida como o ecoar de uma transcendência indeterminada e imensurável.

Além disso, consciente da fugacidade do tempo, o poeta não deixa de cantar o passado, por meio das doces recordações da infância. O tom memorial que marca o compasso de vários poemas, realça o poder imaginativo dos aspectos relacionados à memória, este “território sagrado e espaço mágico por excelência”, conforme declara Cruz (2001).

Na lírica de João Manuel Simões, a evocação da infância tem se mostrado um veículo que conduz a imaginação e a memória rumo à contemplação das imagens primeiras, movimentando as marcas indelévels do passado pueril, por intermédio do devaneio e das imagens poéticas. Nos poemas em que expressa o tema da infância, Simões a apresenta como uma qualidade benévola, cujo ato de lembrar não se encontra separado de uma aura de encantamento e imaginação.

Desta forma, o universo poético e imaginário do poeta João Manuel Simões passa tanto pelo crivo da imaginação criadora do poeta quanto pelo imaginário coletivo ou este conjunto de imagens que constitui o capital pensado pelo *homo sapiens*, conforme afirma Gilbert Durand. Imagens como as que relacionam a poesia ao sonho, fantasia, pássaro, ou ainda, as imagens da perversidade de Cronos integram o imaginário do poeta e representam construções imaginárias nas quais se evidencia uma forte relação com a imaginação. Mais do que buscar respostas aos mistérios da vida, Simões sonha, indo buscar nos campos imaginários e “inimagináveis”, a fonte e a essência de sua *poiesis*.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. *A poética do devaneio: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BENEVIDES, Artur Eduardo. “A sintaxe do silêncio”. In: *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 29 dez. 1984.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica: Ensaio sobre o homem: Introdução a uma Filosofia da cultura humana*. Tradução: Dr. Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CRUZ, Antonio Donizeti da. *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*. Tese – Doutorado. 2. v. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Tradução: Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução: Renée Eve Levié. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução: Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FILHO, A. Tito. “Caderno de Anotações”. In: *Jornal do Piauí*, Teresina, 17 dez. 1981.

MARTINS, Wilson. “Poetas do Paraná”. In: *Jornal do Brasil*. Sábado, 19 mar. 1994.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. Tradução: Myriam Campello. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *Signos em rotação*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. “Infância sem demagogia”. In: *O estado do Paraná*, Curitiba, 25 fev. 1989.

RAMOS, Ribeiro. “Dom Quixote troca a lança pela lira”. In: *Gazeta do Povo*, Curitiba, set. 1992.

SIMÕES, João Manuel. *Algumas notas breves sobre a poesia*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1991.

_____. *Suma Poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. *Odes, Elegias e outros poemas*. Brasília: Thesaurus, 1987.

_____. *Poemas da infância: antologia poética*. Curitiba: HDV, 1989.

_____. *Flauta Mágica*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1993.

_____. *A álgebra do canto*. Curitiba: Progressiva, 2006.